

A METÁFORA DO HISTORIADOR EM OUTLANDER: A VIAGEM DA MEMÓRIA NA NARRATIVA DA HISTÓRIA

Lisandra Siqueira de Oliveira Pires (PQ)^{*1}

Juliano de Almeida Pirajá (PQ)²

Universidade Estadual de Goiás - Campus Formosa

Resumo: Diana J. Gabaldon é uma escritora estadunidense e seu trabalho em Outlander mistura ficção e história a partir da fantástica ideia de viagem no tempo. Seus personagens transitam entre os séculos XVIII e XX reconstruindo por meio de sua literatura, uma trajetória não linear, diferentes acontecimentos históricos. Sua estratégia foi a de incluir sua protagonista, Claire, em diferentes períodos históricos de maneira que suas vivências a colocam em momentos chave da história, de modo que a personagem adquira a capacidade de relatar tais acontecimentos com riqueza de detalhes. Suas viagens no tempo levam a protagonista a experimentar tanto grandes acontecimentos históricos como a Segunda Guerra Mundial como momentos particulares da história da Escócia Setecentista. O que se pode colocar em questionamento, entretanto, é: podemos entender Claire como uma metáfora do historiador? Para tanto, e talvez por isso, esta pesquisa se concentra também no debate de diferentes conceitos caros aos estudos culturais e seus usos. A metodologia utilizada combina a análise da saga Outlander (literária e televisiva) com a pesquisa bibliográfica e debates entre pares conceituais caros à crítica cultural como: realidade e ficção, mito e História, memória e testemunho, e ainda representação e imaginário.

Palavras-chave: Tempo. Ficção. Memória. História. Literatura.

Introdução

Claire Randall é uma jovem de vinte e sete anos, que após o fim da Segunda Guerra Mundial, viaja com o marido para as Terras Altas na Escócia para uma segunda lua de mel. O cenário, naturalmente místico e supersticioso, afeta a vida da personagem drasticamente, quando ao visitar um antigo templo megalítico, viaja no tempo.

O romance histórico, que começa com o volume “A viajante no tempo”, possui uma cronologia que se assemelha à técnica de escrita na literatura Pop chamada colagem³, na qual a temporalidade da protagonista ao longo do enredo

¹ Graduanda do 6º semestre do curso de licenciatura em História na Universidade Estadual de Goiás-Campus Formosa. lisa.hist23@gmail.com.

² Prof. Mestre, pela Universidade de Brasília. Atualmente professor pela Universidade Estadual de Goiás - Campus Formosa. julianopiraja@hotmail.com

³ CRUZ, Décio Torres. O Pop: Literatura, mídia e outras artes. 2 ed. Salvador: Quarteto, 2003, p. 101.



transforma a obra em um quebra-cabeça temporal. A viagem no tempo se apresenta não apenas como ida e volta, mas também retornos.

Alternando entre o século XVIII e XX, no primeiro livro percebemos Claire ainda tentando se adaptar a nova realidade. Seu maior desafio (que é amenizado, mas não superado) é lidar com sua mentalidade anacrônica. Seu pensamento “moderno”, a faz ser encarada na Escócia setecentista como uma mulher a qual se deu muita liberdade, que não recebeu as devidas punições.

Os paradoxos temporais, típicos de obras que lidam com a temática de viagem no tempo, para Claire são ainda mais profundos, pois suas ações podem afetar não apenas o curso da História da Escócia (Batalha de Culloden, que extinguiu os clãs), mas a vida da própria personagem no século XX, visto que o antagonista Jack Randall é antepassado direto de seu marido, o historiador Frank Randall. Encontramos a saída utilizada pela autora para escapar desse paradoxo em um diálogo de Claire e padre Anselm:

- Você diz que tem medo de realizar uma ação aqui por medo de afetar o futuro. Isso é ilógico. Todas as ações afetam o futuro. Se tivesse permanecido em seu próprio lugar e época, suas ações, ainda assim, afetariam o que viesse a acontecer, exatamente como agora. Ainda tem as mesmas responsabilidades que teria lá, que qualquer ser humano em tem em qualquer época. A única diferença é que pode estar em condições de ver mais claramente as consequências. E, novamente, talvez não (...). (GABALDON, 2016, p. 776)

Entretanto, é no segundo volume que nossa análise está focada. Em “Libélula no Âmbar”, Claire alterna seu relato entre seu tempo atual, Boston do século XX, e na França/ Escócia do século XVIII. Enquanto no primeiro livro temos uma adaptação ao ambiente, sendo os dados históricos utilizados para nos colocar a par do cenário que estamos sendo inseridos, no segundo, a História sendo aplicada na prática é o que conduz o resto da trama.

Resultados e Discussão

A narrativa começa com uma preocupação de Claire, vinte anos após retornar ao século XX, em saber o que aconteceu ao exército jacobita escocês que lutou em Culloden. Para obter tal resposta, recorre ao historiador Roger Wakefield,





que se utilizando do ofício acaba descobrindo a motivação do peculiar pedido da protagonista.

Quando analisamos um evento histórico, um documento ou uma obra historiográfica, lidamos com um passado impessoal. Até mesmo os grandes personagens históricos sofrem esse efeito. É através de ficções como “Libélula no Âmbar”, que temos um exemplo claro de como a História foi e continua sendo construída por pessoas que atuam num cenário político, econômico e social, mas que também possuem uma natureza subjetiva. Esse fator, é discutido pelo historiador Frank Randall em uma de suas aulas, em uma lembrança de Claire:

– A melhor testemunha da história é o homem, ou mulher (...), que a viveu, certo? – Sorriu e pegou a colher de chifre rachada. – Bem, talvez. Afinal, faz parte da natureza humana dourar a pílula quando sabe que alguém lerá o que você escreveu. As pessoas tendem a se concentrar nas coisas que consideram importantes e com frequência as embelezam um pouco para o consumo do público. É raro encontrar um Samuel Pepys que registre com igual interesse os detalhes de um desfile real e o número de vezes que ele é obrigado a usar o urinol todas as noites. (...) Igualmente, os adoráveis objetos, os artefatos artísticos são, em geral os mais preservados. Mas os urinóis e as colheres e os cachimbos baratos de argila podem nos dizer tanto ou mais a respeito das pessoas que os usaram. E quanto a essas pessoas? Pensamos nos personagens históricos como pessoas diferentes de nós mesmos, às vezes até um pouco mitológicos (...). (GABALDON, 2018, p. 182).

O trecho acima, nos permite visualizar como a ficção e a realidade dialogam em seus debates. A mesma discussão de Frank Randall, historiador fictício de *Outlander*, encontra-se na obra *Sur l'histoire*⁴. Estudar o passado através dos objetos que se conservam até o determinado presente acontece porque, segundo Pomain (2003), confrontados com aqueles que temos certeza de terem sido produzidos hoje, também são objetos de estudo porque supomos que sua estranha presença só pode ser explicada ao se admitir que eles remetem – num sentido que ainda deve ser esclarecido – a referentes invisíveis, posto que só existiram no passado: pessoas, grupos, países instituições, acontecimentos, seres, coisas, segundo os casos. Resta verificar, ponto por ponto, o bom fundamento de tal hipótese, ancorando cada objeto em seu tempo e espaço e estabelecendo, se possível a identidade dos referentes aos quais remetem os caracteres que lhes são próprios.

⁴ POMIAN, Krzysztof. História e Ficção in: *Sur l'histoire*. Tradução: Marina Maluf. 2003.



Considerações Finais

Para concluir o debate acerca dos elementos de Outlander que remetem ao historiador, temos um ponto chave e que se apresenta como o mais extenso: como se configura a temporalidade de Claire dada à peculiaridade de sua situação? Poderíamos estender o assunto utilizando diversos autores com diversas teorias acerca do tempo. Entretanto, se conseguirmos interpretar em Claire não apenas uma metáfora do historiador, mas ela sendo também um objeto que ao mesmo tempo em que foi produzido em um tempo também é um objeto que se conservou de outro, poderíamos entender sua temporalidade segundo Pomian quando este afirma que:

Mesmo presente, um objeto datado pertence também a um passado determinado, ao período de suas origens. Pertence-lhe no sentido de conservar o vestígio que faz parte de sua identidade, da mesma forma que conserva, às vezes, vestígios das diferentes vicissitudes que sofreu no decorrer da sua história. Uma vez datado, o objeto adquire, assim, um duplo pertencimento temporal. Ele se torna uma materialização da duração. Ele reúne as duas extremidades do intervalo que nos separa do momento em que foi produzido ou do momento em que recebeu alguns de seus traços. Assim, ele é também, de fato, um intermediário entre nosso presente e o passado que representa diante de nós mesmos, do qual ele é um vestígio e cujo conhecimento se torna possível devido a sua presença. Da mesma forma, uma vez localizado no espaço, o objeto passa a pertencer a um espaço duplo: ocupa o lugar em que podemos lê-lo, olhá-lo ou observá-lo, mas pertence também a seu lugar de origem, do qual traz os vestígios, dado que a palavra lugar é tomada, aqui, em suas acepções geográfica, cultural, social, étnica, etc. Um tal objeto se mostra, pois, qualificado a ser um intermediário entre agora e outrora, entre aqui e lá. Especialmente, entre o visível e o que, após tê-lo sido, não é e jamais voltará a ser. (POMIAN, 2003, p. 29, tradução Marina Maluf).

Dado o exposto acima, através dos elementos destacados do romance histórico Outlander, podemos concluir que a personagem Claire pode, de fato, ser interpretada como uma metáfora ao Historiador pelos elementos encontrados tanto na estrutura da narrativa, quanto na personalidade da protagonista. Os resultados até aqui obtidos são parciais, visto que o mesmo tema será objeto do trabalho de conclusão de curso da discente.



Agradecimentos

Aos meus pais, por me incentivarem desde cedo a ingressar na vida acadêmica, ao meu orientador, Juliano de Almeida Pirajá, pela confiança e pela força desde o meu primeiro semestre na Universidade e aos meus amigos, em especial Jennyfer Pinheiro e Jonatan Dérik por contribuírem significativamente com minha pesquisa sobre Outlander.

Referências

CRUZ, Décio Torres. O Pop: Literatura, mídia e outras artes/, Décio Torre Cruz.- Salvador: Quarteto, 2003.

GABALDON, Diana. **Outlander: a viajante do tempo**/ Diana Gabaldon; tradução de Geni Hirata. São Paulo: Arqueiro, 2016.

GABALDON, Diana. **Outlander: a libélula no âmbar**/ Diana Gabaldon; tradução de Geni Hirata. São Paulo: Arqueiro, 2018.

OUTLANDER. Direção e roteiro Ronald D Moore. Distribuição e produção Starz e Sony Pictures, Left Bank Pictures, Escócia, 2014/2017.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário In: **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Tradução Alípio Correia de Franco Neto. São Paulo: EdUSP, 1994.

POMIAN, Krzysztof. História e Ficção in: **Sur l'histoire**. Tradução: Marina Maluf. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10532>.